

## CRÔNICA

Tarciano Ricarto • [tarrico@gmail.com](mailto:tarrico@gmail.com)

# Quem tem medo do Conic?

**P**ara quem não tem referência alguma de Brasília, o Conic é um complexo de vários edifícios que formam, juntos, o chamado Setor de Diversões Sul (SDS). No mapa da cidade, está localizado bem do lado do cruzamento das asas com o corpo do avião que compõe o traçado urbanístico do Plano Piloto. Fica numa área central pra lá de nobre, com vista aberta para a Esplanada dos Ministérios.

Por fora, é um imenso cai-xote de concreto cercado de vias por todos os lados. Exibe uma desordem que desto da beleza arquitetônica de Brasília e, em algumas de suas laterais, assemelha-se a um cortiço, dada a bagunça visual: janelas quebradas, fiações à mostra, marquises sujas e paredes pichadas. Por dentro, é um mundo, onde você pode encontrar de um tudo. O que lhe falta em beleza lhe sobra em pujança.

O Conic vive! Numa comparação, é como se ele fosse o centro de uma grande cidade, que, numa linha do tempo, viveu seu momento áureo, entrou em decadência, mas manteve-se vivo, passando por momentos de revitalizações e de novas decadências.

O Conic resiste! Construído na década de 1960, já abrigou sedes provisórias de embaixadas e de órgãos públicos e já foi reduzido da incipiente elite brasiliense, recém-chegada à cidade. Com o tempo, ganhou uma cara eminentemente popular. Em sua

vocação eclética, parece a versão de uma Babel às avessas, onde todo mundo fala diferentes línguas, mas, ao mesmo tempo, todo mundo parece se entender.

Uma mistura só: sede de sindicatos e de partidos políticos, salões de beleza, bares, clínicas médicas e odontológicas, lojas de artigos religiosos, restaurantes, sauna gay, óticas, lojas de vinis, papelarias, sex shop, igrejas, cinema adulto, lojas de skats e muitos (muitos) escritórios dos mais diferentes ramos de negócios. Em dias úteis, um vaivém interminável de trabalhadores, comerciantes e fregueses. É o povo da labuta diária, sempre apressado, com algo para fazer. À noite, sobretudo fins de semana, é o povo da boemia, da farra e da diversão que ocupa o Conic, em eventos (para os mais variados gostos) que varam a madrugada.

É, sobretudo à noite, que o Conic reencontra sua gênese de espaço pioneiro na promoção de movimentos



culturais diversos. Acredito que foi toda essa diversidade que alimentou minha relação afetiva de longa data com esse lugar. Eu me reconheço no trabalhador do dia e no boêmio da noite. O Conic foi a primeira porta em que eu bati, há exatos 25 anos, para pedir emprego quando cheguei a Brasília. A vida me tirou e me trouxe de volta algumas vezes a esse local.

Nessas idas e vindas, eu me acostumei a descer nos intervalos do trabalho para tomar um café, conversar e, de quebra, ver o movimento. Também passei a frequentar os botecos para o merecido “happy hour” depois do expediente. Virei freguês de muitos comércios. Hoje, eu caminho pelos corredores do Conic, levantando a mão e cumprimentando um tanto de pessoas que nem sei o nome, mas que parecem íntimas pelas vezes que já nos vimos ou que conversamos

eventualmente.

No exato dia em que concluí esse texto, eu me despedi do sr. Antônio. Ele estava encaixotando os últimos produtos para fechar uma loja que ficou sediada no Conic durante 42 anos. A singeleza dessa despedida me fez lembrar de um episódio que ocorreu recentemente, quando convidei uma amiga para um evento no Conic e ela respondeu: “tenho medo”.

Certamente, ela ainda enxerga o Conic como um antro de tráfico, prostituição e mendicância, uma imagem que nasceu e se consolidou ali na década de 80, com a chegada ao local das boates e casas de massagens. Para mim, a visão é outra: sobressai a imagem da diversão saudável e da convivência com uma gente simples, trabalhadora e honesta, de quem eu não tenho medo algum. Até mais ver, sr. Antônio!